

Litescape.pt

Vozes Transmontanas na Paisagem
“Eu sou como um fragão da minha terra”
O poeta e a paisagem

Ana Lavrador



Ficha técnica

© 2013, FCSH/NOVA e autores

FCSH/NOVA, Editora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Avenida de Berna, 26 C, 1069-061 Lisboa

Título: Vozes Transmontanas na Paisagem.

“Eu sou como um fragão da minha terra”. O poeta e a paisagem

Autora: Ana Lavrador

Fotografias

Foto capa (Ana Lavrador)

Figura 1 - foto (Eduardo Pimentel Saraiva)

Figura 1 - caricatura (Francisco Pires)

Figura 2 (Manuel Cardona)

Figura 3 (João Batel)

Figura 3 - caricatura (José Couto Mendonça)

Figura 4 (Eduardo Pimentel Saraiva)

Figura 5 (João Batel)

Figura 6 (Eduardo Pimentel Saraiva)

Figura 7 (Eduardo Pimentel Saraiva)

Figura 8 (João Batel e Eduardo Pimentel Saraiva)

Figura 9 (Ana Lavrador)

Figura 10 (João Batel)

Figura 11 (João Batel)

Figura 12 (João Batel)

Figura 13 (João Batel)

Figura 14 (Eduardo Pimentel Saraiva)

Figura 15 (João Batel)

ISBN: 978-972-9347-10-8

Capa e design gráfico: Paulo A. M. Oliveira

Edição: Dezembro de 2013

Este trabalho, enquadrado no projecto “Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental” e coordenado pelo IELT - FCSH, foi também financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projecto PEst-OE/ELT/UI0657/2011.

Litescape.pt

Vozes Transmontanas na Paisagem
“Eu sou como um fragão da minha terra”
O poeta e a paisagem

Ana Lavrador



Índice

Agradecimentos	6
Preâmbulo	7
Biografia breve	10
Elogio do Homem e do Poeta	13
A paisagem na obra poética de Manuel Vaz de Carvalho	23
Notas finais	38
Bibliografia	39

Agradecimentos

Ao Instituto de Estudos de Literatura Tradicional (IELT- FCSH, Universidade Nova de Lisboa), em particular à Ana Isabel Queiroz, coordenadora do projecto Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental, no âmbito do qual tem sido possível construir, quer individualmente, quer em colaboração com colegas de diferentes áreas do conhecimento, produtos dirigidos à cultura, ao turismo e à educação.

Ao editor da Colibri, Fernando Mão-de-Ferro que proporcionou a minha descoberta de Manuel Vaz de Carvalho e que se tem empenhado activamente na divulgação da sua obra poética.

À empresa Memoriamedia (e-Museu do Património Cultural Imaterial) e ao José Barbieri que realizou, com sensibilidade e mestria, o documentário sobre Manuel Vaz de Carvalho constante do vídeo Vozes Transmontanas, e a todos os familiares e amigos de Manuel Vaz de Carvalho que colaboraram na leitura dos poemas integrados nesse vídeo documentário.

À família de Manuel Vaz de Carvalho, que me apoiou, desde o primeiro contacto, quer nas pesquisas inerentes à vida e à obra do poeta, quer no reconhecimento, *in situ*, das paisagens poetadas e das pessoas ligadas aos diferentes círculos de socialização do poeta. Felicito ainda o entusiasmo com que a família do poeta tem apoiado os projectos em que a tenho vindo a envolver e, sobretudo, saúdo a grande amizade que temos vindo a aprofundar.

Ao Eduardo Pimentel, genro de MVC e seu companheiro assíduo nas aventuras de caça e de tiro, que cedeu parte das imagens utilizadas na ilustração deste texto, e à sua mulher Leonor, que ajudou a conferir precisão às referências alusivas à vida e obra do poeta constantes deste texto.

Ao João Batel, que participou na recolha de imagens durante o trabalho de campo em Agosto de 2012, as quais serviram igualmente à ilustração deste documento.

Este texto resulta de um percurso de investigação iniciado em 2009, no âmbito do projecto LITESCAPE.PT – Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental, coordenado por Ana Isabel Queiroz, (IELT- FCSH). *Vozes Transmontanas na Paisagem surgiu* da pesquisa individual de três colaboradoras do projecto, eu própria, Isabel Alves e Margarida Lopes Fernandes, em torno de três grandes figuras transmontanas das Letras, respectivamente: Manuel Vaz de Carvalho, Pires Cabral e Bento da Cruz. Dessa pesquisa e com o apoio de José Barbieri (empresa Memoriamedia - e-Museu do Património Cultural Imaterial – IELT) foi possível realizar um vídeo documentário sobre a paisagem na obra de Manuel Vaz de Carvalho, apresentado no colóquio *Vozes Transmontanas na Paisagem*, em Outubro de 2012, na FCSH.

A minha colaboração na divulgação de Manuel Vaz de Carvalho (MVC) e da sua obra poética acontece devido a uma encruzilhada de circunstâncias: ser geógrafa com especialização na temática da paisagem e ter sido a Editora Colibri a publicar a obra poética de MVC e o livro *Paisagens de Baco*, resultante da minha tese de doutoramento. Decorre também de um acaso feliz: numa das visitas de trabalho à editora descobri num escaparate dois livros com títulos muito sugestivos para um geógrafo: *Poemas do Afélio* (2010) e *Poemas do Solstício* (2ª edição 2011), aos quais se junta uma publicação anterior *Visão Alvânica* (2006), então esgotado na editora. Ao ler os poemas, percebi que se tratava de uma personalidade literária que merecia atenção. Com efeito, na obra de MVC transparece uma mistura de grandeza e de sensibilidade, reconhece-se uma alma sábia e antiga, uma *alma Índia*, e um amor universal às pessoas, aos animais, às plantas, à natureza, alguém que se revê no Outro e esse Outro é a natureza. Por outro lado, o facto de MVC ter escrito uma pequena introdução em muitos dos seus poemas, torna possível mapear os lugares a que reportam, o que é raro suceder na poesia. Aconselhada por Fernando Mão-de-Ferro, editor da Colibri, entrei em contacto com o poeta, à data já muito doente, e com a sua família (e-mail destacado em caixa), pois certamente ficariam agradados com a possibilidade de divulgar a poesia de MVC através deste projecto do IELT, o que realmente se veio a confirmar.

Caro Dr. Manuel,

Não o conheço pessoalmente pelo que desculpe o à-vontade com que me dirijo, mas do que li da sua obra, parece-me alguém muito próximo de mim....também porque tenho um muito querido amigo, da infância da minha mãe, Manuel de seu nome próprio, advogado e que escreve poesia, o que o torna ainda mais familiar.

A sua poesia surgiu de um acaso feliz, quando apanhei de uma estante da Editora Colibri o seu livro *Poemas do Afélio* para entreter uns minutos de espera para uma conversa com outro amigo, o Dr. Fernando Mão-de-Ferro, um homem que tem o condão de fazer acontecer os sonhos dos outros. Escolhi o seu livro, por entre os muitos outros que aguardavam a mão de alguém na prateleira, porque gosto da palavra afélio. Como geógrafa, faz-me lembrar o verão, os dias quentes e longos, a leitura nas esplanadas ao fim da tarde... Também gostei da sua cara, do seu olhar frontal e dos seus cabelos longos, finos e brancos, cor com a qual identifico a sua poesia. É que tal como o branco, uma cor que não é cor, antes o resultado da união de todas as cores, a sua poesia é uma fusão. Nunca podia ser conotada com o negro, pois nela cabe em “demasia” o amor, a dádiva, a realidade que fecunda. Até a caça, algo que me é estranho e me parece uma prática primitiva e brutal, em si surge com a naturalidade de quem procura/precisa ser Natureza.

Também me interesso por paisagens. Aliás, o tema que me faz gostar de Geografia. Sou de Lisboa, mas apaixonei-me pelo Douro, pela força e grandeza das suas paisagens e pelo respeito pelo trabalho heróico que elas representam. Conheci melhor a região quando por lá andei na preparação do meu doutoramento sobre paisagens vitivinícolas, um património que coloca, pela positiva, Portugal no mapa da Europa e do Mundo. É que eu ainda teimo em criar esperança. É a minha forma de respirar.

Actualmente, colaboro com o IELT num Projecto iniciado em Junho de 2010, relativo a um Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental. Cabe-me recolher e comentar excertos literários sobre paisagens de vinha. Já fiz constar da base de dados do Projecto alguns autores: Miguel Torga, Hans Christian Andersen, Adolfo Coelho, mas muitos outros nomes, igualmente maiores, figuram nessa lista. O Projecto tem já alguma projecção, nomeadamente, constou de uma sessão ligada às Cidades, na Fundação Gulbenkian, acontecimento do Outono passado. Ontem foi o dia de “levantar do chão” as paisagens do Alentejo, na presença da mulher de José Saramago, Pilar del Rio. Foi maravilhoso.

Será que me dá a honra de integrar as suas obras: *Poemas do Afélio* e *Poemas do Solstício*, na base de dados do Projecto? Ficaria muito feliz por poder colaborar na divulgação da sua poesia com P maiúsculo, e de poder contar com as suas paisagens como metáforas de valores que, como pessoa e cidadã, sinto vaidade em passar a outros.

Um abraço da sua admiradora,
Ana Lavrador

Pouco tempo depois do envio deste e-mail, a família representada pelas filhas de MVC Leonor e Manuela deslocaram-se ao Porto, quando da minha participação no XXXIV Congresso da Organização Internacional da Vinha do Vinho (OIV), em Junho de 2011, para me conhecerem pessoalmente. Nesse encontro ficou agendado para Agosto, a minha visita ao poeta e às suas paisagens. Infelizmente, não cheguei a tempo de falar pessoalmente com MVC. Conheci-o no hospital um dia antes do seu falecimento, a 13 de Agosto de 2011, transfigurado no *cosmonauta* que pressagiou num poema homónimo (“O Cosmonauta”, in *Poemas do Solstício*), mas logo nessa visita nasceu uma forte empatia com toda a família. A amizade tem-se fortalecido com o decorrer da pesquisa em torno do espólio literário do poeta. Essa pesquisa inclui informações sobre a vida e obra do poeta e esclarecimentos relativos a datas, lugares e pessoas, sem os quais a realização deste texto teria sido inviável.

Biografia breve

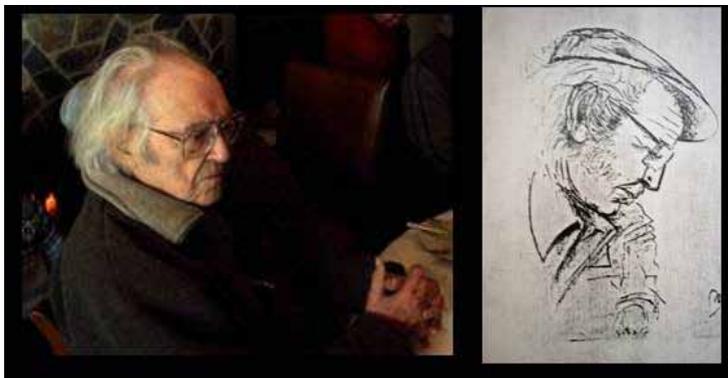


Figura 1. Manuel Vaz de Carvalho

- Manuel Magalhães Vaz de Carvalho nasce em Cerva (concelho de Ribeira de Pena), a 13 de Março de 1921.
- No ano do nascimento é levado pelos pais para Vila Real, para a casa da Timpeira (topónimo latino de *Impéria*), uma casa *villa* propriedade de seu pai, situada numa pequena rechã do vale do rio Corgo, hoje ainda um limite norte da cidade, na qual residiu durante a maior parte da vida.
- Em 1940, conclui o curso de nível secundário no então Liceu Camilo Castelo Branco, em Vila Real, que patrocina a publicação do livro de poemas líricos *Poentes*, escrito em versos em métrica alexandrina, em homenagem à mãe do poeta, editado pela empresa Publicidade, de Marco de Canavezes.
- Em 1941, matricula-se na Escola Superior Colonial, em Lisboa, com o intuito de emigrar para as antigas colónias e, simultaneamente matriculou-se, após exame de admissão, na Faculdade de Direito e na de Histórico-Filosóficas em Coimbra, tendo, durante um ano, frequentado simultaneamente as três instituições.
- Nesse mesmo ano abandona a Escola Superior Colonial de Lisboa por razões de ordem familiar e prossegue nos dois cursos em Coimbra. Tendo então sido mobilizado para a vida militar por quatro anos, somente mantém a licenciatura em Direito.
- A partir de 1943, colabora na revista *Studium* (Coimbra), tendo obtido o primeiro prémio num concurso de poesia, com o poema “Crente”.
- Em Coimbra dedica-se a tocar guitarra portuguesa – ao estilo de Carlos

Paredes – tendo acompanhado a Tuna Académica em diversos périplos musicais, com destaque para as localidades: Guarda, Castelo Branco, Viseu, Porto, Salamanca.

- Em 1946, casa em Cerva com Maria Teresa de Jesus Torres Pereira, sua amiga de infância, com quem teve oito filhos.
- Em 1949, licencia-se em Direito pela Universidade de Coimbra, com a classificação de Muito Bom, tendo sido convidado para assistente do professor doutor Ferrer Correia, na cadeira Direito Comercial e Internacional Privado e é aprovado no concurso para o cargo de Magistrado do Ministério Público, cargos que recusa, devido à idade avançada do pai e ao casamento, regressando definitivamente à casa da Timpeira.
- É então nomeado sub-delegado de Procurador da República e colocado na comarca de Vila Real e, um ano depois, após o seu desempenho ter sido classificado de Muito Bom é proposto como delegado efectivo na comarca de Montalegre, cargo que recusa – *A estrada era horrível. 100kms! Recusei. Pedi a demissão e inscrevi-me, sem precedência de estágio, na advocacia. Foi o meu desastre!* (MVC, 2003).
- A partir de 1950, abraça a carreira de advogado, inicialmente com escritório na Avenida Carvalho Araújo e mais tarde no Largo do Pelourinho, no centro histórico de Vila Real, o qual manteve até à sua aposentação.
- Obteve várias medalhas de mérito ao longo da sua carreira, com destaque para a Medalha de Honra da Ordem dos Advogados, pelos 50 anos e advocacia, Homenagem da Delegação da Ordem dos Advogados de Vila Real e a Medalha de Ouro de Honra e Mérito Profissional da Ordem dos Advogados, em 19 de Maio de 2001, pouco tempo antes do seu falecimento.
- De 1951 a 1959 foi Vereador da Câmara Municipal de Vila Real, tendo sido agraciado com uma Medalha de Ouro de Mérito Municipal.
- Representou a Câmara Municipal de Vila Real no Grande Congresso Luso-Espano-Americano-Filipino de Municípios realizado em Lisboa, em 1959.
- Entre 1955 e 1959 foi Vogal do Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados de Electricidade, Água e Saneamento da Câmara Municipal de Vila Real.

- Entre 1958 e 1966, foi presidente da Comissão Administrativa da Misericórdia de Vila Real (três mandatos).
- Em 1970, é eleito presidente do Círculo da Ordem dos Advogados de Vila Real, cargo que manteve por 35 anos.
- Desempenhou ainda outros cargos cívicos relevantes em Vila Real: presidente da Comissão Venatória (por vários anos); presidente da Associação de Corridas de Automóveis (por vários anos); presidente do Conselho Jurisdicional da Associação de Futebol de Vila Real, eleito em 1980 e reeleito sucessivamente até 1995, proclamado Sócio de Mérito em 1999.
- Teve como *hobbies* a música, a caça e o tiro, nos quais foi exímio, com várias dezenas de prémios e diplomas a comprová-lo.
- Publicou os livros de poemas: *Poemas do Solstício*, em 2000 (2ª edição em 2011); *Visão Alvânica*, em 2006; *Poemas do Afélio*, em 2010.
- Morre em Vila Real, a 13 de Agosto de 2011.

Elogio do homem e do poeta

*Eu sou como um fragão da minha terra:
Quando regresso à origem das imagens
Ao convívio das íntimas paisagens
Aos mitos do luar, aos vales, à serra.*

“Fragão”, in *Poemas do Solstício*, p. 23

Manuel Vaz de Carvalho (MVC) foi um homem íntegro e autêntico, cuja obra poética é fortemente autobiográfica. Trata-se de uma obra pequena em dimensão, mas com uma escrita densa, profunda e cheia de ironia. Com efeito, através da poesia percebe-se que, no decurso da longa vida, MVC seguiu uma direcção única e vital, marcada pela fidelidade a si próprio, pela forte ligação à natureza e ao seu universo de afectos, dimensões que nele se interceptavam fortemente. Foi também um homem completamente enraizado na sua terra, um *fragão*, como notado pela filha Leonor, a quem MVC chamava carinhosamente “a sua secretária”, como a própria me confidenciou. Em MVC, percebe-se uma forte crença na vida. Era um homem que gostava de usufruir plenamente o presente e tinha esperança num amanhã melhor, como ilustram os poemas inseridos no Capítulo “Apologia à Vida” do livro *Poemas do Solstício*, por ventura o seu livro mais solar:

(...)
*Foi belo o dia de ontem
Mais belo o que ora finda
Que o dia que desponta
Seja mais belo ainda!*

“Oração da Manhã”, in *Poemas do Solstício*, p. 35

(...)
*Eu quero entrar na festa da alegria
Ir ao encontro do romper do dia
E até que eu volte, meu amor, adeus!*

“Evasão”, in *Poemas do Solstício*, p.37

*Sinto-me apaixonado pela vida,
Pelo sol, pela cor, pelo luar
E sinto em mim a infância redimida
Na harmonia irreal do teu fundente olhar!*
(...)

“Prenúncio”, in *Poemas do Solstício*, p.38

*Acorda, meu amor, já nasce o novo dia
Que o sol nos prometeu ouvindo a nossa voz!
Vem comigo beber as seivas da alegria
Pelos campos em flor, cingindo as mãos, a sós.*
(...)

“Novo dia”, in *Poemas do Solstício*, p.39

MVC era um homem apaixonado pelos filhos e pela mulher, que assemelha a *Belkisse* louvada no *Cântico de Salomão*:

(...)
*E não-de parar as fontes de chorar
Seu cativo e líquido destino
E mudas ficarão, suspensas, a escutar
A bíblica harmonia
Do momento divino*
(...)

“Alvorada de Amor”, in *Poemas do Solstício*, p.40

*Não me digas “adeus”! vai ao teu dia,
Sem fitares os meus olhos de chorar
Não acede ao triunfo a nostalgia
Nem a vida se cumpre de ficar.*
(...)

“Carta ao meu Filho” in *Poemas do Solstício*, p.43

...e apaixonado pela vida, como canta nos poemas:

(...)
*Quero viver além da Vida, além das eras
A apoteose em flor de eternas primaveras
Para vida, não vás, quero viver...viver!*

“Apelo à Vida”, in *Poemas do Solstício*, p.44

*Não adies a vida, vive a vida
No dia de hoje em pleno acontecer!
Cada hora que passa não vivida
É derrota sem luta – é não viver.
(...)*

“Hoje”, *in Poemas do Solstício*, p.45

Como é frequente nas grandes figuras, MVC foi uma personalidade forte e excessiva. Testemunham-no a presença significativa do branco e do negro na sua obra poética. Com efeito, a identificação com o branco surge no poema autobiográfico “O Cisne” (*in Poemas do Afélio*) e branco é a cor da sua serra predilecta, a serra de Alvão (o grande branco), que dá título ao seu livro de cariz mais fortemente ontológico: *Visão Alvânica*. Neste mesmo livro, o poeta reconhece ter igualmente um lado negro, em vários poemas afirma-se um ser sombrio, solitário:

*Sou um mundo insular. Um solitário.
Vagabundo do espaço irreal, disperso
Sem órbita nem sistema planetário
Cruzando estrelas, a esmo, no Universo.
(...)*

“O Nenhum”, *in Visão Alvânica*, p. 120

...uma personalidade pouco dada a formalidades e eventos que as exijam,

*Não vou a funerais nem a baptizados.
A casamentos nem é bom falar!
Não tenho colarinhos engomados
Nem balandraus funéreos p’ra trajar.
(...)*

“Já Disse”, *in Visão Alvânica*, p.33

...alguém atormentado,

*(...)
Sou o anti-eu, o negativo, o errado.
Um póstumo de mim, atormentado,
Nesta pena maior de me ser vivo.*

“Anti-Eu”, *in Visão Alvânica*, p.32

...e irónico,

*Quando eu nasci não houve Primavera.
O sol escureceu e as aves não cantaram.
Nos signos siderais mudou a era
Dos contra quem os deuses conspiraram!
(...)*

“Testemunho Interdito”, in *Visão Alvânica*, p.31

Na realidade, MVC foi um homem inteligente e sensível, e um existencialista, como prova a primeira estrofe do lindíssimo poema “Nada”:

*Nada.
Passa por mim a vida,
Nua, desfigurada
Sem destino e sem norte
A caminho do NADA
A caminho da morte.
(...)*

“Nada”, in *Visão Alvânica*, p.98

MVC detinha uma personalidade inquieta, simultaneamente simples e complexa, que tanto precisava do isolamento, o qual encontrava nos passeios e caçadas na serra, como gostava de conviver com amigos, mas em ambas situações, percebe-se que a autenticidade foi sempre um traço relevante do seu carácter. Essa dimensão espelha-se também no plano da socialização em que MVC era totalmente eclético, tanto lhe dava prazer o convívio com as gentes da terra, pastores, caçadores, carteiros, agricultores, como cultivava o debate intelectual em tertúlias com os amigos e os colegas, até de madrugada, alguns dos quais lembrados em poemas integrados no capítulo “Homenagens”, do livro *Poemas do Afélio*.



Figura 2 – MVC com amigos no lançamento do livro *Poemas do Solstício* e entre caçadores

MVC foi um homem multifacetado e que viveu com intensidade os seus noventa anos de vida. No plano profissional, conta-se que era uma personalidade cheia de brilho, o qual se reflectia no âmbito da sua carreira de advogado. O facto de ser determinado e voluntarioso dava-lhe trunfos na oratória em tribunal e tornaram-no mestre na defesa dos interesses dos seus constituintes, como atestam as quatro horas de argumentação em defesa do pai de Francisco Sá Carneiro, hoje ainda na memória de muitos vilarealenses. Mas MVC foi sobretudo um homem bom e solidário, muitas vezes dava consultas fora do escritório (um 1º andar discreto, no Largo do Pelourinho por cima da Pastelaria Gomes, a mais emblemática de Vila Real) e gratuitas, o que lhe valeu um importante reconhecimento na região. Enquanto jurista, MVC usava a poesia para esconjurar momentos de cansaço e de dúvida face à justiça da Justiça, como testemunham os poemas integrados no capítulo “O Meu Tugúrio” (*in Visão Alvânica*), alusivo ao escritório (Fig. 3), de que são exemplo os poemas:

*MAGIA NEGRA! Enfeite de mau corte
De supersticiosos rituais
Signo de cemitérios e da morte
Igual aos balandraus dos funerais...*
(...)

“A Minha Toga Rota”, *in Visão Alvânica*, p.79

*Entraí, sede bem-vindos, Excelências!
Estou ao vosso dispor a tempo inteiro.
Ponde a vossa questão...trazei dinheiro
Que a boa paga acalma as consciências.*
(...)

“Profissão sem Fé”, *in Visão Alvânica*, p.78



Figura 3 – O advogado Manuel Vaz de Carvalho

Sob o ponto de vista cívico, MVC tinha uma postura activa e atenta à sua terra e às suas gentes, nutria um sentimento forte de pertença e envolvimento com as comunidades da região onde nasceu e viveu, dimensão que era publicamente reconhecida. Por essa postura empenhada e interessada, foi frequentemente assediado para o desempenho de cargos dirigentes, em círculos de natureza muito diversa, incluindo a política, em que foi mandatário do Dr. Manuel Martins, presidente da Câmara de Vila Real, a dirigente de associações de caça ou de futebol dessa cidade. MVC anuía por cortesia e por amizade às solicitações que lhe eram dirigidas mas, sendo um espírito íntegro e independente, não obteve qualquer benefício económico dessas funções dirigentes, e preservou sempre total isenção, fazendo jus à liberdade de pensamento e de actuação que o caracterizavam. Provam-no poemas cheios de realismo, em que usa o sarcasmo e o humor para expressar o seu desagrado face a conjunturas com implicações sociais e económicas, nomeadamente descrédito sobre a eficácia das políticas europeias:

(...)

*Os agricultores protestam em arruída: [é a seca,
a geada negra, a chuva, o desavinho.]*

Onde estão os subsídios da Europa? Estrada barrada.

Ninguém passa. A culpa é de todos. Fora o ministro! É a nossa forma de luta.

(...)

Fora com os acordos globais e englobados!

Poder de compra: zero. Fome à vista.

É do crescimento económico...para alguns. Fora os ministros!

(...)

“Eurobalbúrdia”, in *Poemas do Afélio*, p. 55

MVC foi uma figura não institucional. Por exemplo, às quintas-feiras, nunca trabalhava! Não atendia clientes no escritório nem fazia julgamentos pois era o seu dia de caça, sobretudo às perdizes e galinholas, as suas peças predilectas (Fig. 4). Nas saídas de caça, o poeta procurava o seu ser mais profundo. Eram caminhadas purificadoras da alma, de fusão com a natureza como atestam os poemas dos capítulos “Caçada de Cães” (in *Visão Alvélica*) e “Caça – Era paleolítica” (in *Poemas do Solstício*). O gosto pela caça motivou que o seu amigo e jornalista Sérgio Paulo Silva o tenha apelidado de Poeta-Caçador (Revista Calibre 12, Abril 1994).



Figura 4 – O caçador Manuel Vaz de Carvalho

Associado ao gosto pela caça, MVC gostava de procurar os seus limites. Com efeito, a montanha é um elemento limite, assim como o afélio, ou o solstício, nomes de código utilizados pelo poeta que significam extremos. A procura de limites foi uma constante na vida de MVC, a par de uma procura de fusão com a Natureza e com o Cosmos, que aparentemente buscava nos passeios ao Alvão (poemas “Cardenhos”, “Reminiscências”, *in Poemas do Solstício*). Talvez por esse gosto pela vida e pelos lugares, se perceba algum inconformismo e revolta com a própria morte (*o limite*, por excelência), que está muito presente nos poemas “Ascese”, “Logro”, “Leão Solitário” do capítulo “Ego” (*in Poemas do Afélio*). Associado à busca dos limites, MVC gostava de desafios, o que o fez um importante atirador. Foi, por inúmeras vezes, campeão de tiro aos pratos (gostava de boas armas, que procurava adquirir a bons preços e para as quais fazia os seus próprios cartuxos...), tendo ganhado algumas dezenas de taças e medalhas, inclusive em disputa com Armando Marques, o campeão nacional à época.

Na esfera da socialização, MVC cultivava o convívio, em família e com os amigos (a quem dedicou vários poemas), e era uma presença catalisadora pela vivacidade da conversa que mantinha nas tertúlias, ao que também muito ajudava o seu gosto e talento para a música. Era exímio na guitarra portuguesa, tendo tocado com Artur Paredes (pai de Carlos Paredes) quando cursou Direito, em Coimbra, ou em Lisboa, em serões familiares em casa de sua cunhada Maria de Lurdes, quando aí se deslocava por motivos profissionais. Era habitual tocar guitarra em jantares e convívios, muitos deles em sua casa, quer sozinho quer acompanhado pelos seus filhos homens, aos quais legou esse dom e esse gosto pela música que marca a família desde há quatro gerações. Ainda em relação à faceta musical de MVC, a escritora Hercília Agarez, sua conterrânea e amiga, afirma no prefácio do livro *Poemas do Afélio*

que o ouvido musical do poeta se reflecte na sua poesia pelo “sentido apurado do ritmo, da musicalidade, da harmonia, da métrica e da rima, das sonoridades, e da expressividade das figuras de retórica que utiliza, com destaque para a metáfora, essência do texto poético” (Fig. 5).



Figura 5 – O músico Manuel Vaz de Carvalho
(uma das suas guitarras, fabrico de João Pedro Grácio jr., adquirida através de Carlos Paredes)

No domínio dos afectos, toda a obra de MVC prova que o poeta foi um homem de fortes paixões e grandes amizades. Quando da morte da sua mãe, tinha então 19 anos, MVC dedica-lhe um livro de poemas líricos para o qual escolheu mais um nome associado à geografia – *Poentes* (Fig. 6).



Figura 6 – Os afectos de Manuel Vaz de Carvalho (I)
(*Poentes*, 1941 – com dedicatória ao Dr. Pinto Soares)

Existem também poemas de homenagem. Ao seu avô Leonardo, ao seu irmão António que morreu jovem, aos amigos mais chegados, mas, sobretudo, à sua grande paixão e sua mulher Maria Teresa, mãe dos seus oito filhos, família que constituiu uma das suas amarras mais sólidas. O poeta dedica os livros *Visão Alvânica* e *Poemas do Afélio* à mulher, que assume frequentemente como musa inspiradora. Em Maria Teresa reconhece a amante como transparece nos poemas “Génese” (*in Visão Alvânica*) ou “Novo Dia” (*in Poemas do Solstício*), a retaguarda segura e bondosa como canta em “Alvorada de Amor” (*in Poemas do Solstício*), a cúmplice de uma vida tecida a dois, como confessa em “Missão

Cumprida” (*in Poemas do Afélio*). Na casa da Timpeira (em Vila Real), o poeta construiu um verdadeiro ninho, um refúgio seguro e uma fonte de inspiração e de sentido para a sua vida, como fazem prova os poemas do Capítulo “Timpeira – Alto das Cruzes”, do livro *Visão Alvânica* (Fig. 7).



Figura 7 – Os afectos de Manuel Vaz de Carvalho (II)
(Mª Teresa e Manuel Vaz de Carvalho, retratados a óleo pela filha Leonor;
o casal no jardim da casa da Timpeira - Vila Real)

No âmbito da casa, dedica poemas aos seus cães: a Fly, o Sinai, o Faro, o Fozcôa (Capítulo “Cães e Burros”, *in Poemas do Solstício*), que o acompanhavam na caça e aos quais permitia partilhar os pés da cama no inverno; aos pássaros que dali se ouvem, “*da mata dos passarinhos*” no dizer da sua neta Mafalda, e que foram o mote para a “*Cantata dos Cucos*” (*in Visão Alvânica*); às árvores que plantou ou que com ele cresceram reconhecidas nos poemas “*Árvores – Minhas irmãs*” (*in Poemas do Solstício*) ou “*A Velha Cerejeira*” (*in Poemas do Solstício*) e até mesmo aos objectos que ia guardando, como regista no poema “*Os Velhos Trastes*” (*in Poemas do Solstício*) ou “*A Minha Velha Máquina*” (*in Poemas do Afélio*) (Fig. 8).



Figura 8 – Os afectos de Manuel Vaz de Carvalho (III)
(A sala de caça na casa da Timpeira)

No final da sua vida, MVC era um homem grande e sábio. Tinha uma clara lucidez sobre os limites da condição humana e os limites de si próprio, como

caricatura no poema:

*Apalpo o corpo nu, desalinhado
De membros curtos, algo atrofiados
Sem colmilhos de ataque, depilado
De artelhos ao invés, mal engonçados.
(...)*

“O Antropopitecus”, in *Visão Alvéatica*, p.35

Essa lucidez está bem patente nos poemas do Capítulo “Tédios” deste mesmo livro:

*(...)
Nada existiu jamais antes de mim.
Tudo quanto existe e me rodeia,
O céu, a terra, o mar e a lua cheia
Existem porque existo.
(...)*

“Melancolia Azul”, in *Visão Alvéatica*, p.108

Ou em poemas nos quais esboça uma aparente aceitação da morte:

*(...)
Quero voltar ao “antes dos inícios”
Anterior à vida, sem sentido algum.
Não deixar de mim sequer indícios
Quero ser o meu “NADA” – o meu NENHUM.*

“O Nenhum”, in *Visão Alvéatica*, p.120

Ou em que vê a morte como espaço quântico, isto é, espaço onde subsiste a fusão com nada e com o tudo em simultâneo:

*(...)
Eu quero a tua paz eterna e calma!
Dissolve no teu nada a minha alma
O NADA ABSOLUTO – A INDIMENSIDÃO DE DEUS!*

“Regresso ao Nada”, in *Visão Alvéatica*, p.122

A paisagem na obra poética de Manuel Vaz de Carvalho

A análise da paisagem na obra poética de MVC foi realizada a partir dos três livros de MVC publicados pela editora Colibri – *Poemas do Solstício*, *Visão Alvânica* e *Poemas do Afélio*. Nestes livros, a selecção e compilação dos poemas foi realizada pelos filhos do poeta, em particular pela filha Leonor, igualmente ilustradora de dois deles, e pela escritora e amiga Hercília Agarez. Ficaram fora desta análise os livros *Poentes*, por ser essencialmente um livro de homenagem, *Sol de Promissão*, que contém poemas da juventude e *Contos Ibéricos*, que abarca textos relativos a tertúlias com amigos e experiências profissionais, ambos aguardando financiamento para publicação.

Em termos gerais, os três livros de poesia analisados podem ser vistos como três marcos da vida de MVC. Em *Poemas do Solstício* são abordadas as origens e as referências afectivas do poeta, registos da infância e da maturidade. *Visão Alvânica* centra-se no universo dos afectos e da transcendência, é um testemunho ontológico, em que o poeta mostra o Eu mais profundo. *Poemas do Afélio* é um livro de reflexão, de balanço e de homenagem à família, aos amigos e conterrâneos, no qual MVC revela ter atingido um patamar de grande conforto interior, e ser alguém que, acima de tudo, procurou a verdade, não a científica nem a filosófica, mas a sua verdade, a que promove a transcendência, a fusão com o Universo. Ora é precisamente dentro do universo experiencial e afectivo de MVC, que a paisagem se revela e se assume temática central na sua poesia!

Na obra poética de MVC surgem poemas de natureza muito diversa: os sérios e os humorísticos, os de aclamação e os mordazes, os de enternecimento e os de raiva, os que argumentam e os que contestam. Muitos são poemas de circunstância. Surgem de experiências e vivências, são espelhos de memórias e do quotidiano de afectos que o poeta resolveu tornar transparentes. Por outro lado, grande parte dos poemas tem um enquadramento espacial e circunstancial. Trata-se de enquadramentos emocionais e muitas vezes eles próprios profundamente poéticos. Ora, é através destes enquadramentos que MVC viabiliza a localização dos lugares “poetados” ou que foram palco de cenas e/ou de emoções que convocaram a poesia e que, também através deles, o poeta faz transparecer a paisagem.

Mas, de que paisagem se trata quando se analisa a obra de MVC? As teorias da paisagem ajudam a responder a esta questão.

A paisagem que emerge da poesia de MVC adequa-se particularmente bem a *espaço paisagem*, conceito que envolve as representações, as práticas e as experiências (Besse, 2010). Como resultando de uma experiência vivencial, o *espaço paisagem* é pluri-sensorial, é um espaço de proximidade, uma “geografia de corpo sensível”, de “estar dentro”, como defendido pelas correntes fenomenológicas da geografia cultural (Dardel, *in* Besse, 2010; Davidson *et al*, 2008, *in* Nogué, J., 2008). Em MVC acresce a esse contexto experiencial a procura de um espaço a penetrar e descobrir, um espaço de complexidade e mistério, componentes estéticas da maior relevância na experiência da paisagem (Saraiva e Lavrador, 2005). Devido à quase obsessão de MVC com a partilha física e espiritual do seu ser com a envolvente espacial, e ao pretender anular a distância entre o Eu e o Outro, como confessa nos poemas “Império da Pedra”, “Alvão” ou “Fragão” (*in Poemas do Solstício*), pode-se argumentar que, no limite, o objectivo do poeta seria “matar” a paisagem! Porém, esse objectivo nunca poderia ser conseguido como em seguida se passa a explicar. Com efeito, ainda que o poeta se sentisse profundamente comprometido com a envolvente espacial e pretendesse eliminar o recuo que o separava do exterior, o facto de existir um olhar externo ao espaço de observação, consubstanciado na representação poética de lugares e de cenas através das fortes lúpas culturais e vivenciais, prova a existência da paisagem. Na realidade, a paisagem existe quando é possível distinguir significado de significante, a realidade e a ficção, uma vez que a paisagem é, por definição, uma construção cultural e social ancorada num substrato físico, tal como é interpretada na perspectiva cultural (Duncan e Duncan, 1996; Cosgrove, 1998). Note-se que a paisagem expressa na poesia de MVC é substancialmente diferente da concepção de paisagem defendida pelas correntes clássicas, aliada a uma dimensão fortemente visual, representativa de um ponto de vista do observador, em regra situado num ponto elevado e detentor de uma visão panorâmica. Tão pouco prevalece a ideia de paisagem assumida como espectáculo, como mercadoria, desligada de dimensão histórica, como é apanágio das modernas culturas visuais (Debord, 1992). Para MVC a paisagem é antes de tudo o resultado de uma experiência física (Ingold, 2000), é algo de próximo, é um espaço háptico (Gilles Deleuze, 1991; Maurice Merleau-Ponty, 1968) e sensível ao qual o poeta sente pertencer e que marca a sua identidade, pessoal e colectiva, algo que estabelece a sua conexão com o mundo e se relaciona com a formulação

de necessidades existenciais, tal como é vista nas correntes fenomenológicas associadas à perspectiva cultural (Sauer, 1925, *in* Duncan, 1996; Lowenthal, 1975). E essa exposição ao mundo exterior era experimentada por MVC com mais intensidade e recorrendo a todos os sentidos, nas caminhadas e caçadas na serra do Alvão, que fizeram pôr em funcionamento a capacidade reflexiva do poeta. Eram encontros com o inesperado, uma busca constante do novo, do imprevisível, um jogo de imaginação promotor de admiração, descoberta e aventura, próprio das experiências de paisagem (Silvestre, 2010). Ora, é desse mundo simultaneamente exterior e interior, mediatizado pela sensibilidade, imaginação e inteligência, que MVC transcreve para a poesia universos de sons, de luz, de escuridão, de macieza e de rugosidade, ambiências que criam paisagens próprias de cada lugar, uma geografia sensível de contacto real com o mundo e não a sua observação distante (Schafer, 1977; Corbin, 2001; Porteus, 1996; Meining, 1979). Este universo, háptico e onírico, está próximo do modelo transcendental de valorização da paisagem referida pelos poetas românticos como “o reconhecimento interior do poder da natureza e estímulo de uma maior complexidade moral e conforto espiritual” (William Wordsworth, *in* Andrews, 2010, pp. 79). É que a paisagem pressupõe matéria-prima, que estimula sensações e uma chamada (Silvestre, 2010). Essa dimensão sensorial e transcendental está bem representada na estética particular dos poemas de MVC, repletos de sons e mesmo de cheiros, como são exemplo as seguintes passagens:

(...)

*Quero voltar à paz idílica das leivas
Ao bafo dos currais e à luxúria das seivas
Aonde, como vós, irmãos, suguei a vida!*

“Alvão”, *in* *Poemas do Solstício*, p. 22

*Terra Feita,
Cheira a húmus
Sob a leiva desfeita
A agitação orgâsmica dos sumos.*

(...)

“Terra Feita”, *in* *Poemas do Solstício*, p.24

Com efeito, na poesia de MVC, estas dimensões sensoriais rivalizam fortemente com a apreciação meramente visual, normalmente sobrevalorizada

nas representações da paisagem, ainda que nos poemas de MVC também se possa identificar paletas de cor muito emblemáticas das suas áreas de vivência e deambulação: “*Fragas de Anta. Era de Cristo. Vento furioso arrepela a carvalhada de Ludares e o céu faísca na fragada de Vilar de Celas. Granizo como ovos. A Senhora da Azinheira? Nada, aposentou-se de milagres. Agachome a contra-vento duma anta, o cão a grunhir aos calcanhares...*” e a poesia surgiu... (preâmbulo do poema “Galáxia”, in *Poemas do Solstício*, p. 82) (Fig. 9), ou quando retrata uma manhã de primavera:

*E há-de haver ninhos mil!
E um céu imaculado
Todo tingido a azul e branco de noivado
De puríssimo Abril
Há-de escutar o nosso cântico à vida.
(...)*

“Alvorada de Amor”, in *Poemas do Solstício*, p. 40



Figura 9 – Blocos graníticos da Serra do Alvão

Por outro lado, as paisagens de MVC estão repletas de lugares, os quais representam símbolos, que expressam pensamentos, ideias e emoções diversas, por vezes contraditórias, lugares que encarnam as experiências e as aspirações das populações (Lavrador, 2011). E o lugar, na linha da corrente fenomenológica da geografia cultural, é o centro de significado, de ligação emocional, de conhecimento holístico e vivencial (Relph, 1976; Tuan, 1979). Na poesia de MVC surge sobretudo lugares em espaços rurais (ex. Cerva, Ludares, São Leonardo de Galafura, ...) e, ainda que em reduzido número, contudo importantes em significado, lugares em espaços urbanos, com expoente na sua casa da Timpeira, em Vila Real. Esta dialéctica cidade-campo é

relevante e implica alguma reflexão, pois marcou de forma primordial as teorias da paisagem. Historicamente, a paisagem é a não cidade é uma realidade extra-muros, pelo que a transferência da paisagem para territórios urbanos chega a ser rejeitada por alguns investigadores (Battisti, 2004). Associa-se-lhe a ideia que, no campo, a paisagem é caracterizada pela natureza e pelo tempo, enquanto na cidade pelo tempo e pelas actividades humanas (Jakob, 2010). Mas, na realidade e de acordo com a Convenção Europeia da Paisagem, a paisagem “designa uma parte do território, tal como é aprendido pelas populações, cujo carácter resulta da acção e da interacção de factores naturais e/ou humanos” (art.º 1º, C.E., 2000) e esse território integra áreas naturais, rurais, urbanas e periurbanas. Nesse sentido, o conceito de paisagem aplica-se tanto a paisagens que possam ser consideradas excepcionais como a paisagens comuns ou degradadas (art. 2º, C.E., 2000). Esta concepção implica que a paisagem tem valor intrínseco e que deve ser gerida e valorizada de forma a preservar valores patrimoniais e ambientais, a assegurar a identidade e a sustentabilidade. Independentemente do carácter da paisagem e das medidas de ordenamento e gestão que se lhe associem, no plano da percepção, o contraste cidade/campo implica sensações distintas a quem a percebe: fecho/abertura, espacialidade fechada/grandes horizontes, complexidade e densidade/estrutura orgânica, diferentes sentidos de liberdade, de ordem, de estrutura (Assunto, 1994). Ora, esta dialéctica e tensão que a paisagem promove é perceptível na obra poética de MVC, centrada fundamentalmente nas paisagens rurais e nas actividades humanas que as modelaram e uma importante valia para a compreensão das paisagens transmontanas (Fig. 10). Com efeito, na poesia de MVC é possível reconhecer ambientes e cenários mas também contextos geográficos e socioculturais transmontanos e da faixa de transição de Trás-os-Montes com o Minho, reconhecidos nas suas caminhadas a pé e caçadas:

*A serra é minha, assim a amo e canto!
 Em seus perfis de luta e desespero
 Moram deuses proscritos no desterro
 Das grandes solidões de eterno encanto!
 (...)*

“Império da Pedra”, in *Poemas do Solstício*, p. 21

(...)

*E oiço a voz dos silêncios perfumados,
Em nocturnos azuis do céu sereno
Volúpias seminais que o vento ameno
Traz até mim dos agros fecundados.*

(...)

“Fragão”, in *Poemas do Solstício*, p. 23

*Pairam no ar cetíneo aromas virgens
De pólenes sensuais buscando a flor
É a vida que rescende à essência das origens
Numa orgia de amor!*

(...)

“Terra Feita” , in *Poemas do Solstício*, p.24



Figura 10 – Lamas de Olo (Serra do Alvão)

Os principais lugares de ascese de MVC encontram-se na serra do Alvão, cujas paisagens são recorrentes na sua poesia (Fig. 11). Eram percursos quase sempre solitários, por vezes a pé, em busca de comunhão profunda com a natureza e com os seres que a povoam, em particular os pastores, ao encontro do seu ser existencial. Essa alma solitária está bem representada expressa nos poemas:

*Ermos povos da serra, ao longe, deserdados
Eu conheço-vos bem, eu sou um vosso irmão...*

(...)

*Eu fui um desertor, bem sei, do vosso bando
Mas hei-de regressar à vossa lei cantando
Os salmos da montanha às nuvens redimida!*

(...)

“Alvão”, in *Poemas do Solstício*, p. 22

*Velhos pastores de faunos primitivos
De olhos claros fitando os horizontes
Vós sois os ancestrais contemplativos
Da finitude do cosmos e dos montes!*
(...)

“Visão Alvânica”, in *Visão Alvânica*, p. 59

(...)
*Sigamos rumo aos faunos solitários
Que ao presentirem o fim dos seus fadários
Se evadem estóicos, para morrerem sós.*

“Leão Solitário”, in *Poemas do Afélio*, p. 24



Figura 11 – Paisagens da Serra do Alvão

O poeta tinha alguns lugares privilegiados de voo em direcção a um tempo mais primitivo, transfigurado em caçadas, como representa no capítulo “Caça – Era Paleolítica” (in *Poemas do Solstício*). É o caso do povoado de Bustêlo, na serra do Alvão, onde o poeta diz ter deixado partir em liberdade um bando de perdizes, junto às “*ramagens de um ribeiro*”, para não colocar em risco “*um bando de crianças na outra margem*”, como manifesta no preâmbulo do poema “Caçada em Bustêlo” (in *Visão Alvânica*). Caçava também na serra de Anta, em Ludares, ou em Vila Boa, no planalto de Mirandela, como testemunha no poema:

*Era inverno de lei. Andava à caça
Nos chavasciais cercãos de Vila Boa.
Bati um frente-a-frente com chalaça
Que vos quero contar – e não é loa!*

*Subia eu a encosta das estevas
Ao sabor de uma chuva miudinha
Que me escorria do cachaço às grevas
Ao peso do armental, dobrando a espinha.
(...)*

“Uma caçada em Vila Boa”, in *Poemas do Solstício*, p. 81

E lugares que lhe motivavam sensações de transcendência e de sublime, como o miradouro de S. Leonardo de Galafura (Fig. 12):

*Ó Santo Leonardo Galafura
Que por teu santo nome ainda és meu par
Eu conheço a razão sensata e pura
Que te inspirou a vir aqui morar:*

*Não foi vocação de apostolado
Nem a resignação de penitente...
A razão foi maior...foste inspirado
(ou não fosses um santo inteligente!)
(...)*

“Ao Santo Leonardo Galafura”, in *Visão Alvânica*, p. 88

..e o planalto de Ludares:

*Olhos meus que fitais a madrugada
Nas cumeadas de d’ouro do levante
Onde a terra na treva amortalhada
Se ergueu ao sol da glória, triunfante!
(...)*

“Sol Nascente”, in *Visão Alvânica*, p. 42



Figura 12 – O miradouro de S. Leonardo de Galafura

Mas a poesia de MVC retrata outras paisagens que resultam do seu forte apego à terra, à natureza domesticada pelas práticas agrícolas, ao *ager*. Na poesia de MVC, a terra é cantada como berço fecundo e fecundante, sempre procurado nas suas visitas frequentes a Cerva, a sua terra natal. Nas paisagens de Cerva, que descreve como “um vale fundeiro a oeste da serra do Alvão”, era transportado para a infância, como canta em poemas lindíssimos, como “Terra Minha” em que confessa em preâmbulo “*Esta é a ditosa pátria, minha amada*” (do Vaz...de Carvalho):

*Terra minha que vives no meu canto
Abrigada a antiquíssimas montanhas
Onde repousa o génio humano e santo
Dos ancestrais caídos nas entranhas...*

*Aonde as seivas fortes das ribeiras
Vindas da serra aos agros fecundados
São milho d’oiro a luzir nas eiras
Tenrais molaes a dar manutenção aos gados!
(...)*

“Terra Minha”, in *Visão Alvânica*, p. 47

Outros poemas registam igualmente essa forte ligação ao *ager*: “Canção da Choça” (in *Poemas do Solstício*) é precedido de um preâmbulo em que descreve, com precisão, a paisagem e a ambiência rural do vale em que se situa a povoação de Cerva, lugar onde iniciou, ainda criança, os percursos na natureza, acompanhando pastores e gados em transumância; “Cântico Pagão” (in *Poemas do Solstício*) foi escrito na casa agrícola de Quintela, em Cerva, numa ocasião de sementeira de batata; “Cardenhos” (in *Poemas do Solstício*), é uma belíssima proclamação às casas de pedra telhadas de colmo da serra do Alvão, lugar de nascimento e de vivência do avô de MVC, proprietário rural e agricultor, e que foi uma personalidade inspiradora e marcante na vida do poeta (Fig. 13).



Figura 13 – Fachada principal da casa agrícola de Quintela (Cerva)

MVC descreve também paisagens urbanas, na condição de serem lugares de vivência e de afetos. Nesta categoria tem destaque a sua casa, no lugar da Timpeira, que localiza, de forma cartográfica, no preâmbulo do poema “Sinos de São Dinis” (in *Poemas do Solstício*, 101): “*Moro no Alto das Cruzes, um cômodo que faz testada ao vale do Rio Corgo, que abre no lugar da Ínsua, coleando o Cemitério de São Dinis, prossegue torcicolando Vila Real, passa o lugar das Lavadeiras, inflectindo depois para norte, em ângulo à esquerda, até ao lugar do Boco*”.

A casa de Timpeira é uma casa *villa*, uma casa rural dentro da cidade, na qual a família de MVC se agregou e multiplicou. A casa ocupa um quadrado central de paredes sólidas em granito, rodeada da horta e do pomar, e onde ainda se acorda com o cantar do galo e se ouve o grasnar dos patos. Uma fronteira arbórea protege-a do exterior. Dela se avista a cidade de Vila Real, com a serra do Marão no horizonte, por ventura o elemento mais marcante da paisagem daquela cidade, cantada no poema:

*Cidade, terra minha, berço amado
De real porte e alegremente bela
Quero viver à luz da tua estrela
Que alumia também o meu condado.
(...)*

“Cidade Minha”, in *Poemas do Afélio*, p.33

O poeta tinha um profundo amor pela Timpeira, que tinha simultaneamente como espaço de refúgio, um ninho para uma alma de “pássaro” como a dele

(Fig. 14). A casa era ainda um espaço de descoberta, um espaço inaugural, como são as experiências de paisagem pura (Maldiney, 2000, *in* Jakob, 2010). Esse amor, esse refúgio e essa revelação estão bem representados respectivamente nos poemas:

*Ó minha casa antiga, onde eu vivi sonhando
Esse poema de amor que a vida não cantou
Nas lajes do teu pátio hei-de escrever, rezando
Esta oração de paz humilde, como eu sou.
(...)*

“Casa Antiga”, *in* *Poemas do Solstício*, p. 56

*Já não choro por vós, quando vos lembro canto.
Velhas canções que me ficaram na lembrança
E que de vós aprendi nos tempos de criança
E me dão a viver um original encanto.
(...)*

“Escambo de Lágrimas”, *in* *Poemas do Solstício*, p. 55

*Voltou a Primavera! E eu tanto a desejava
Não me fosse partir sem a tornar a ver,
No milagre da vida em que a minha alma escrava
Se evade ao panteísmo universal do ser!
(...)*

“Primavera”, *in* *Visão Alvânica*, p. 40

Ou no poema “Cantata dos Cucos” (*in* *Visão Alvânica*), escrito a pedido da neta, a quem chamou graciosamente “Dona Ana Mafalda”, sensibilizada pelo cântico dos pássaros que nidificavam na “floresta de gigantes eucaliptos, acácias, dealbatas e outras espécies florestais”, que existiam junto à casa.



Figura 14 – Fachada principal da casa da Timpeira (Vila Real)

Na sua obra surgem outras, poucas, referências a lugares urbanos, com destaque para o poema de homenagem ao pelourinho, escrito quando da sua restituição ao largo onde inicialmente fora colocado (“O Pelourinho”, *in Visão Alvânica*). Este poema faz parte do capítulo “O meu Tugúrio”, o seu escritório, no Largo do Pelourinho, em Vila Real, que contém um conjunto de poemas em que MVC ironiza e esconjura a sua profissão de advogado: “Carvalho & Companhia”, “Profissão sem Fé”, “A minha Toga Rota”, “Chatos, chatos & Companhia” (*in Visão Alvânica*). A paisagem urbana surge também no poema de despedida da cidade de Coimbra, onde MVC estudou, que diz ter deixado sem saudade:

(...)

*Mas Coimbra em ti sempre me fui estrangeiro
Nunca me foste pátria ou deste rei
Em ti não tive endereço nem letrado,
Tu não me conhecestes e eu não te amei!*

(...)

“Coimbra”, *in Visão Alvânica*, p. 114

Associado à paisagem, importa ainda referir que MVC detinha uma forte consciência ambiental como revela a sua poesia, com destaque para as seguintes questões:

- A problemática da seca:

*Chuva, água de Deus, água da Vida
Vem molhar os meus lábios sequiosos
E acalmar a terra ressequida
Dos ventos de queimada, bonançosos!*
(...)

“Exortação”, *in Poemas do Solstício*, p.31

- A problemática dos baldios:

(...)

*E sou rei dos baldios desolados,
Lá nos termos sem-Deus, abandonados,
Sem ter nome, nem dono....de ninguém!*

(...)

“Brejo Sáfar”, in *Poemas do Solstício*, p. 103

- O êxodo rural e o abandono dos campos na serra do Alvão

(...)

*Já ninguém canta nos campos
Não há searas em sação
Não se vêem pirilampos
A luzir na escuridão...*

(...)

“Lenga-Lenga”, in *Poemas do Afélio*, p. 44

- O flagelo dos incêndios, que ajuda ao despovoamento de gentes e bichos, como confirma num poema escrito na serra de Sainça, durante uma saída de caça:

(...)

*Bato brenhas e montados
Não vejo bicho a bulir...
Tudo são montes queimados
Esfaiadoiros de fugir!*

(...)

“Uma Grade na Sainça”, in *Visão Alvânica*, p. 61

Certamente, esta consciência ambiental resulta da atenção que MVC dava à natureza e aos campos por onde deambulava. E tudo aquilo a que se dá atenção obtém valor, “a atenção é sempre algo de mediatizado e de intelectual” (Hegel, 1997 [1817: § 450], in Silvestre, 2010: 99). Exemplo dessa atenção é o cuidado que MVC colocava em localizar e descrever os lugares poetados. Esse detalhe descritivo está bem patente no poema “O Moinho”, escrito em Casal de Pombeiro (Cerva), local de nascimento do poeta (Fig. 15).

O Moinho

Ainda mora e trabalha à beira do caminho

No seu rodopiar sem ter descanso

Sob o verde dossel do limoeiro manso.

(...)

“O Moinho”, in *Visão Alvânica*, p. 54



Figura 15 – Moinho de água (Casal de Pombeiro, Cerva)

Na obra poética de MVC reconhece-se igualmente um pontuar dos ciclos naturais e das actividades campestres ao longo do ano, um registo das horas do dia, um percorrer constante de paisagens e ambiências rurais, universos reais e emocionais, como provam os versos:

Vão longe as andorinhas libertadas

Há folhas moribundas pelo chão

E as árvores despidas, desoladas

Interrogam-se tristes pelo verão.

(...)

“Debandada”, in *Visão Alvânica*, p. 70

(...)

*Ó ventos de Outono de eflúvios serenos
Ó bafo de fenos, a terra queimada!
Trazei da montanha perfumes bravios
Orvalhos macios
Da terra molhada!*

*Que as nuvens mães-de-água, pairando os montados
Animem os prados
A reverdecer!*

(...)

“Elegia de Setembro”, in *Visão Alvânica*, p. 71

(...)

*Sente-se o abrolhar dos gomos da floresta
O dealbar dos giestais na encosta amanhecida,
E as seivas vegetais na embriagués da festa
Em espasmos sensuais, vão ateando a vida!*

(...)

“Primavera”, in *Visão Alvânica*, p.40

*Os rouxinóis da ribeira
Levam a noite a cantar
Dormem sesta a tarde inteira
E a noite a chilrear.*

(...)

“Os Rouxinóis”, in *Visão Alvânica*, p. 51

Pelo que ficou exposto, se houve quem alcunhasse MVC de Poeta-Caçador (Revista Calibre, 1994), creio que lhe fica igualmente bem o cognome de Poeta-Geógrafo!

Notas finais

As breves notas alusivas à pessoa e à obra poética de MVC que aqui se registaram não representam a sua grande dimensão humana e qualidade poética. Há muitos testemunhos, poemas e paisagens que ficaram de fora deste pequeno livro, Centrámolo-nos no essencial das suas paisagens e no esclarecimento de alguns conceitos teóricos que ajudam a explicar a presença da paisagem na poesia de MVC. Os materiais recolhidos (mais testemunhos de quem conheceu pessoalmente o poeta e mais paisagens a explorar) são em grande número e qualidade, pelo que não se esgotam no vídeo documentário nem nesta publicação. Por isso, através do IELT e da Memoriamedia planeia-se já a realização de um novo vídeo documentário mais alargado sobre MVC, resultante do importante registo de imagens e depoimentos, efectuado durante o trabalho de campo, no verão de 2012. Prevê-se também a edição de um audio-livro, com a colaboração de Paulo Vaz de Carvalho, filho do poeta, músico e compositor, o qual deverá integrar peças de guitarra clássica interpretada por MVC e poemas da sua autoria, declamados pelo poeta, familiares e amigos. A partir da poesia de MVC pretende-se ainda construir rotas literárias com aplicação turística e pedagógica. Esperamos que essas aventuras possam, em breve avançar.

Bibliografia

- ANDREWS, M., 2010. "Landscape: An Aesthetic Ecology", in *Teoría y paisaje: reflexiones desde miradas interdisciplinares, Theory and landscape: Reflections from interdisciplinary perspectives, Théorie et paysage: Reflexions provenant de regards interdisciplinaires*, Observatorio del Paisatge, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, Espanha.
- ASSUNTO, R., 1994. *Il paesaggio e l'estetica*. Ed. Novecento, Sicilia.
- BATTISTI, E., 2004. *Iconologia ed ecologia del giardino e del paesaggio*. Ed. Leo Olsschki, Firenze.
- BESSE, J-M, 2010. "L'espace du paysage. Considerations théoriques", in *Teoría y paisaje: reflexiones desde miradas interdisciplinares, Theory and landscape: Reflections from interdisciplinary perspectives, Théorie et paysage: Reflexions provenant de regards interdisciplinaires*, Observatorio del Paisatge, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, Espanha.
- COSGROVE, D., 1998. "Cultural Landscapes", in *A European Geography*, Unwin, T. (coord.), 65-81. Harlow: Addison Wesley Longman, U.K.
- CORBIN, A. 2001. (Colab. Jean Lebrun). *L'Homme dans le paysage* Ed. Gallimard, Paris.
- DEBORD, G., 1992. (3me. Ed.). *La Société du Spectacle*, Ed. Gallimard, Paris.
- DELEUZE, G. E GUATTARI, F., 1991. *Qu'est-ce que la philosophie*, Ed. Minuit. Paris.
- DUNCAN, J.S. E DUNCAN, D., 1996, "Reconceptualizing the Idea of Culture in Geography: a Reply to Don Michell", *Transactions of the Institute of British Geographers*, Vol. 21 (1996):576-579.
- MICHELL, D., 1996. *Transactions of the Institute of British Geographers*, Vol. 21 (1996):576-579.

- INGOLD, T., 2000. *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill*, Ed. Routledge, U.K and New York.
- JAKOB, MICHAEL, 2010. “Metacritique de l’omnipaysage”, in *Teoría y paisaje: reflexiones desde miradas interdisciplinares, Theory and landscape: Reflections from interdisciplinary perspectives, Théorie et paysage: Reflexions provenant de regards interdisciplinaires*, Observatorio del Paisatge, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, Espanha.
- KANT, I., 1992. *Crítica da Razão Pura*. Ed. Gulbenkian, Lisboa.
- LAVRADOR, A., 2012. *Eu sou como um fragão da minha terra – Manuel Vaz de Carvalho*, Actas do Seminário “Vozes Transmontanas na Paisagem”, IELT, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- LAVRADOR, A., 2011. *Paisagens de Baco*, Ed. Colibri, Portugal.
- LOWENTHAL, D., 1975. “Past Time, Present Place: Landscape and Memory”, *The Geographical Review*, Vol.65, nº1, January (1975), pp.1-36.
- MALDINEY, H., 2000. *Ouvrir le rien l’art nu*, Ed. Encre Marine, France.
- MEINING, D.W., 1979. The Beholding Eye: Ten Versions of the same scene, in D.W. Meaning (Ed.), *The Interpretation of Ordinary Landscapes*, Oxford University Press, pp.33-48.
- MERLEAU-PONTY, M., 1968. *The Visible and the Invisible*. Northwestern University Press, EUA.
- MICHELL, W.J.T., 2002. “Imperial Landscape”, in *Landscape and Power*, Ed. University of Chicago Press, Chicago, pp.5-34.
- NOGUÉ, J., 2009. *Entre paisajes*. Ed. Àmbit, Barcelona.
- NOGUÉ, J. 2010 – “Paisaje y comunicacion: el resurgir de las geografías emocionales”, in *Teoría y paisaje: reflexiones desde miradas interdisciplinares, Theory and landscape: Reflections from interdisciplinary perspectives, Théorie et paysage: Reflexions provenant de regards interdisciplinaires*, Observatorio del Paisatge, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, Espanha.

- PORTEOUS, J. D., 1996. *Environmental Aesthetics – ideas, politics and planning*, Ed. Routledge, London.
- RABAN, J., 2009. Summer with Empson, *London Review of Books*, Vol. 31, nº 21, Nov. 2009, pp. 37-41.
- RELPH, 1976. *Place and Placelessness*, Ed. Pion, London.
- ROGER, A., 1978. *Nus et paysages. Essai sur la fonction de l'art*, Ed. Aubier, Paris.
- SARAIVA E LAVRADOR, 2005. “Percepção e avaliação dos valores estéticos da paisagem. Síntese metodológica e inserção nas políticas ambientais”, In Soczka, L. (ed.), *Psicologia e Educação Ambientais*, Fundação Calouste Gulbenkian (2005): 381-404.
- SCHAFER, R. M., 1977. *The Tuning of the World*, Ed. Albert and Knight, N. York.
- SILVA, S. P., 1994. “O Poeta-Caçador”, *Revista Calibre* 12, Abril 1994.
- SILVESTRE, F. L., 2010. “Es el paisaje simples reconocimiento?, in *Teoría y paisaje: reflexiones desde miradas interdisciplinares*”, *Theory and landscape: Reflections from interdisciplinary perspectives, Théorie et paysage: Reflexions provenant de regards interdisciplinaires*, Observatorio del Paisatge, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, Espanha.
- TUAN, YI-FU, 1979. “Thought and Landscape: the Eye and the Mind’s Eye”, in D. W. Meinig (Ed.), *The Interpretation of Ordinary Landscapes*, Oxford University Press, pp.89-102.
- VAZ DE CARVALHO, M., 2010. *Poemas do Afélio*, Ed. Colibri, Portugal.
- VAZ DE CARVALHO, M., 2011. (2ª Edição). *Poemas do Solstício*, Ed. Colibri, Portugal.
- VAZ DE CARVALHO, M., 2006. *Visão Alviânica*, Ed. Colibri, Portugal.
- VAZ DE CARVALHO, M., 2003. *Notas biográficas do autor*, Vila Real, Portugal.

LITESCAPE.PT – Paisagens literárias de Portugal Continental

É uma série académica que inclui artigos, ensaios, crónicas e outras narrativas, que explora a relação entre a paisagem e a literatura. Publicam-se trabalhos de investigação desenvolvidos no quadro do projecto “Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental” (<http://paisagensliterarias.ielt.org>) e outros textos de temáticas relacionadas.